

A Posição de Liderança Brasileira em Investimentos Qualitativos no Continente Africano

Por Ana Cláudia Camerano

Ao analisarmos o cenário internacional, nota-se uma grande mudança de foco no tocante aos atores estatais do globo, principalmente em relação às suas áreas de participação direta e de investimentos. Deparamo-nos com um país como os Estados Unidos bastante preocupado em meio a uma ascensão audaciosa da parceira asiática no continente africano. Através de projetos de infraestrutura, investimento direto externo (IDE) e busca de novos recursos e mercados, a China se situa como a maior investidora da África, desenvolvendo regiões econômica e socialmente, mas por outro lado criticada por práticas neocolonialistas e exploratórias. À margem dos entraves sino-americanos o Brasil se configura, assim como a China, um investidor expressivo nos países africanos, mas não na busca pela posição de mesmo nível quantitativo que o gigante asiático, e sim em diferenciação de investimentos mais qualitativos.

Entre 2004 e 2010, o volume de transações entre Brasil e África quase dobrou em número, impulsionado pelo governo Lula através de acordos bilaterais e da parceria no plano Sul-Sul. O ex-presidente ainda fez visitas diplomáticas a vários países-chave, especialmente nos integrantes do PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). No governo Dilma, essa política de aproximação com o continente continua se mostrando presente pela agenda África, ainda que tenha amornado um pouco se comparado a seu antecessor. Sem dúvidas, o Brasil e a África possuem semelhanças históricas indiscutíveis. Além da similaridade geográfica (uma vez que em seus primórdios, a África e a América fizeram parte de um só), ambos tiveram seus traços marcados por colonizações europeias. Ademais, o Brasil tem sua cultura e etnia enraizada na África, o que faz com que o contato entre o país e o continente se torne mais familiar à população africana, de modo geral, se comparado aos chineses.

O ponto de partida está em usar essa proximidade cultural como vantagem competitiva dos investimentos brasileiros. Se agora vemos como o

momento dos países emergentes levantando voz e protagonizando diretamente em certos assuntos internacionais, aliado também ao que muitos autores chamam de “o renascimento africano”, cabe ao Brasil buscar assumir uma posição de liderança desenvolvimentista na África. Como potência líder em âmbito regional do bloco econômico do MERCOSUL e ao lado das grandes economias emergentes deste século, o país tem a sua frente a oportunidade para se tornar um líder de mudanças e impactar a realidade de muitos cenários africanos. A presença brasileira de fato, se apresenta menos contenciosa se comparada à China, o que abre margem para uma discussão sobre o viés dos investimentos de ambos os países. Esse caráter de capitalismo e de lucro precisa ser relativizado, principalmente no mundo de hoje onde a preocupação com as questões humanas é crescente. No ano de 2011, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), a corrente comercial entre o Brasil e a África foi de US\$ FOB 27,6 bilhões, enquanto que da China, esse número triplica. É notável a quantidade na questão monetária da China, deixando um espaço que dificilmente será preenchido e alcançado pelo Brasil, mas os esforços brasileiros devem estar voltados à qualidade de investimento, em matéria de obras que impactem a população local, gerem uma melhoria de vida aos indivíduos e ao país que serão afetados pela entrada do capital externo. É preciso que o governo crie mais capacitações de obras (como observamos nos centros de formação profissional do SENAI, atuante em alguns países africanos) e incentive, seja por políticas de incentivo tanto de pequenas e médias empresas ou benefícios fiscais, o empreendedorismo brasileiro no continente.

É visto também, segundo indicadores do Banco Mundial, que o Produto Interno Bruto de muitos países africanos sobe, desde 2012, a cada ano. Tem-se ainda o aumento percentual no fluxo líquido de capital privado e de IDE na região. Índices estes que representam um crescimento econômico indiscutível da região, mas que, podemos perguntar, realmente significam uma melhoria à realidade africana? O Brasil deve inserir-se cada vez mais neste centro de crescimento, preenchendo o *gap* do que realmente deve ser feito no cenário africano, conectando as pessoas na cadeia de valor empresarial, possibilitando acesso a tecnologias e capacitando a população jovem para conseguir um

espaço nesse mercado. O apoio brasileiro deve suprir tanto a questão do *hard power*, basicamente a infraestrutura da região – construção de rodovias, hospitais.. – e do *soft power*, com instituições estabilizadas que possam garantir a segurança dos investimentos futuros e promovam um comércio poderoso, gerando um ambiente mais corporativo. Se o Brasil conseguir assegurar essas questões na África, será um competidor forte à presença chinesa, tomado como referência em nível de investimentos que tenham real incidência e impacto sobre a sociedade e contribuam para a diminuição da pobreza.